

BEATRIZ MILHAZES, 62

A artista carioca coleciona obras vendidas por mais de US\$ 1 milhão.

Em 2008, “O Mágico” foi arrematado na Sotheby’s por US\$ 1,049 milhão. Três anos mais tarde foi a vez de “O Moderno” ser vendido por US\$ 1,1 milhão. A obra brasileira mais cara, no entanto, é “Meu Limão”, negociado por US\$ 2,1 milhões, em 2012. Em maio de 2021, foi encerrada a exposição “Beatriz Milhazes: Avenida Paulista”: 170 trabalhos produzidos entre os anos 1990 e 2020, distribuídos entre o Masp e Itaú Cultural. As obras de Beatriz estão presentes em acervos dos mais importantes do mundo, como Centre Pompidou (Paris); The Museum of Modern Art (Nova York) e Tate Modern (Londres). Em 2021, fez sua primeira individual na China: “Beatriz Milhazes: Ballet em Diagonais”, no Long Museum (West Bund), em Xangai. “Manter a qualidade de vida que me faz feliz e aos meus próximos. Estar sempre com a energia de enfrentar novos desafios no trabalho, evoluindo sempre!”, diz ela sobre o que considera mais importante na vida hoje.



ADRIANA VAREJÃO, 57

Até primeiro de agosto, na Pinacoteca de São Paulo, com curadoria de Jochen Volz, Varejão – um dos principais nomes da arte contemporânea do país – está em cartaz:

“Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas.” Trata-se do maior apanhado retrospectivo da carreira da carioca. São mais de 60 obras elaboradas no intervalo de 1985 até este ano. Das pinturas da época da Escola de Artes Visuais do Parque Laje (RJ) às tridimensionais de grande escala – tudo com a força de quem expôs as tripas do barroco e elevou simples paredes de azulejos azuis para outro patamar. Lá estão exemplos das séries mais emblemáticas da trajetória da artista, como “Saunas e banhos” e “Terra incógnita”.

No Instituto Inhotim (MG), Varejão tem uma galeria desde 2008, projeto do arquiteto Rodrigo Cerviño: uma grande caixa de concreto sobre espelho d’água. A galeria é dos lugares mais visitados neste maravilhoso museu a céu aberto, a 60 km de BH, com mais de 500 obras de 60 artistas de 38 países.



VIK MUNIZ, 60

Vivendo na ponte entre Nova York, Rio de Janeiro e Salvador, o paulistano é o artista brasileiro com o maior número de obras em coleções institucionais permanentes no mundo. São 165 instituições com itens do artista, acervos como os do Centre Georges Pompidou (Paris), Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Madri), Guggenheim Museum e Metropolitan Museum of Art (ambos em Nova York) e Tate Gallery (Londres). Vik completou 60 anos em dezembro passado e a ideia de finitude ganhou novas cores.

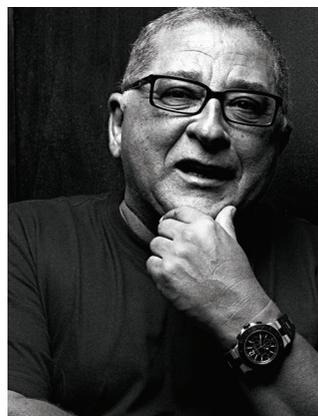
“A parte intelectual parece que acelera, você tem pressa, se dá conta que não tem muito tempo.” Ele fechou 2021 com três lançamentos: a exposição “Fotocubismo”, na Nara Roesler (SP); o livro “Epistemas” e a galeria “Lugar comum”, na Feira de São Joaquim, em Salvador. 2022 também começou a toda: exposição “Skins, na Sikkema Jenkins&Co, em Nova York. “A vida é a coisa mais preciosa que existe – e ela é curta. Você precisa viver pra valer: não é acumular, ter, poder. É viver.”



ARAQUÉM ALCÂNTARA, 71

Fotógrafo que é sinônimo de todos os biomas do Brasil, o santista Araquém Alcântara se lembra do marco dos seus 50 anos de vida: o lançamento do “TerraBrasil”, que viria a ser o livro de fotografias mais vendido do país. Ele queria ser escritor, mas mudou de ideia aos 17 anos, ao assistir a “Ilha Nua” (1960), de Kaneto Shindô. “Entre em transe com a beleza das imagens e fui meditar na praia. Aí aconteceu uma epifania: ‘daqui pra frente vou dizer as coisas com a imagem’. No dia seguinte, pedi uma câmera emprestada e fui fotografar as mulheres do cais.” Com 59 livros no currículo, Araquém deve lançar este ano a obra com o sumo de 50 anos de trabalho. Sua rotina foca a predileção por “ver e contemplar”. “Pra isso tenho uma varanda que dá para árvores e um pedaço de céu. Tenho as viagens e a aventura. Estou sempre preparando uma travessia.” Entre as próximas, livros para crianças das

belezas naturais do Brasil. Sobre como sua fotografia amadureceu em cinco décadas: “Agora já consigo enxergar o espaço entre as folhagens, já consigo transver.”



BOB WOLFENSON, 68

Logo em sua primeira exposição individual, “Minhas amigas do peito”, na Galeria Fotóptica (abertura 29 de março de 1989), o paulistano do Bom Retiro mostrou a habilidade de enquadrar nus (na ocasião com três lentes de Hasselblad – 80, 120 e 150 mm; e três de Nikon – 55, 85 e 105 mm). No catálogo da exposição, ele deixou transparecer seu humor, já que também ficou de peito de fora na foto. Com ensaios antológicos para a Playboy – “os mais emblemáticos foram: Maitê Proença, Alessandra Negrini, Nanda Costa, Fernanda Young, Angela Vieira e Mylla Christie” – e ativa produção de ensaios de moda – “as revistas Vogue e Elle são as relevantes na minha carreira”, Bob se transformou em um dos profissionais mais requisitados do país. Entre outros trabalhos de destaque, estão os livros “Jardim da Luz” (1996) e “Apreensões” (2010). O estagiário que entrou no estúdio fotográfico da Abril em 1970 (“não imaginava que me tornaria um fotógrafo”) celebrou 50 anos de carreira em 2021. “Foi uma data largamente festejada, com lançamento do meu livro ‘Desnorte’ e várias efemérides culminando com uma edição especial da Elle, toda feita por mim e para mim.” (DG)

FOTO BOB WOLFENSON, POR ELE MESMO / BEATRIZ MILHAZES - CHRISTIAN GAUL / VIK MUNIZ - DIVULGAÇÃO ADRIANA VAREJÃO - TINKO CZETWERTYNSKI / ARAQUÉM ALCÂNTARA - PEDRO DIMITROV